

Para a História do Socialismo

Documentos

www.hist-socialismo.net

Tradução do russo e edição por CN, 2.9.2015

(original em: <http://cccp-kpss.narod.ru/drugie/2015/interv-2014.htm>)

A entrevista não publicada ao portal *Ruskaia Planeta*

Tatiana Khabarova

Agosto de 2014

Em Julho de 2014, o portal *Ruskaia Planeta* solicitou-nos uma entrevista. O que aconteceu depois obriga-nos a contar resumidamente a «*história do caso*».

Bom dia!

Sou jornalista da publicação Ruskaia Planeta (<http://rusplt.ru/>). Estamos a fazer uma série de entrevistas com pessoas que na época da URSS tinham um ponto de vista próprio sobre o desenvolvimento do país, distinto da linha do centro.

Gostaria de saber que é possível entrevistar Tatiana Mikhailovna Khabarova sobre a criação da Plataforma Bolchevique no PCUS e em geral sobre os partidários do bolchevismo no PCUS?

Aleksei Sotsnev

24.07.2014

Nessa altura estávamos a preparar o Plenário alargado do Comité Executivo do Congresso de Cidadãos da URSS, para comemorar o 10.º aniversário do Congresso de Cidadãos da URSS, iniciativa de grande importância para nós. Além disso, até ao plenário, ainda tínhamos planeado um comício para 7 de Outubro, Dia da Constituição da URSS, já sem contar com a «*efervescência*» do quotidiano.

Não obstante, encontrou-se tempo e a entrevista foi concedida a A. Sotsnev, a 19 de Agosto.

O texto foi muito trabalhado, tanto de um lado como do outro. No final, já perto do fim do ano, chegou-se a acordo.

Então que se passa?... O site Ruskaia Planeta continua sem publicar a entrevista, sem dar qualquer explicação. Quem fez a encomenda, agora cala-se. Mas quem procuravam afinal? Quem mais do que Khabarova se «distinguiu da linha do centro» no período antes da perestroika? Será que foram buscar outra vez os Ligatchov e os Kossolapov?...

Em suma, uma vez que não vos interessa e para evitar que se perca um trabalho bem feito, publicaremos a entrevista em cccp-kpss.narod.ru. As perguntas feitas por A. Sotsnev e a respectiva ordem serão mantidas sem alterações. Não será feita igualmente a menor alteração às respostas de Khabarova, na versão aceite por A. Sotsnev, na sua carta de 24 de Dezembro.

O Bureau de Informação
do Comité Executivo
do Congresso de Cidadãos da URSS
7 de Fevereiro de 2015

Presidente do Comité Executivo do Congresso de Cidadãos da URSS, doutorada em Ciências Filosóficas, Tatiana Khabaroba contou ao Ruskaia Planeta como criou a Plataforma Bolchevique no PCUS e o seu percurso ao longo de 20 anos como «dissidente vermelha».

A Plataforma Bolchevique no PCUS é conhecida graças a Nina Andreiéva, cuja biografia é bem conhecida, mas a autora de toda a componente ideológica, de todos os documentos programáticos desta formação, é você. Tem o sentimento de que ficou na sombra de Nina Andreiéva e que por isso não é muito conhecida? Fale-nos da sua pessoa.

A minha formação de base é em engenharia termoeléctrica. Terminei o Instituto de Energia de Moscovo (MEI) em 1960.

Nos anos 50 foi introduzido o ensino da Filosofia nos cursos técnicos, e o MEI foi um dos primeiros institutos onde o projecto foi «rodado». O ensino era do mais alto nível e, nesse mesmo ano de 1960, acabei por entrar em regime externo na Faculdade de Filosofia da Universidade Estatal de Moscovo. Naturalmente, trabalhava ao mesmo tempo como engenheira.

No terceiro ano, em torno do meu trabalho de curso, intitulado «*A Origem e a Essência do Pensamento*», gerou-se um terrível escândalo que chegou ao reitor da Faculdade. No trabalho defendia-se a ideia de que o pensamento é o resultado da entrada

em contacto cerebral directo do indivíduo humano (distintamente do organismo animal) com o nosso campo de género. A isto, hoje, chama-se «mundos paralelos»¹, e dificilmente deixará alguém estupefacto. Mas há 50 anos isto era visto como uma heresia impensável; percebi que não me deixariam terminar a faculdade e entreguei os papéis para a pós-graduação no Instituto de História das Ciências e Técnica da Academia de Ciências da URSS.

Ainda conservo aquele trabalho, pode ser que o venhamos a publicar na Internet.

Foi nesse Instituto que se confrontou pela primeira vez com anti-soviéticos?

No Instituto de História das Ciências e Técnica não havia anti-soviéticos declarados, mas o anti-stalinismo fazia furor. O que não era surpreendente: o director do Instituto (B.M. Kedrov) era filho de um trotskista reprimido/reabilitado, o chefe do departamento era ele próprio um trotskista reprimido/reabilitado, tal como o investigador principal e a senhora que me destinaram como orientadora científica, etc. Alguém que desse a perceber neste círculo que era contra o bacanal desenfreado do «*desmascaramento do culto da personalidade*», sofreria consequências pouco agradáveis.

E foi o que me aconteceu. Defendi a dissertação no Instituto de Filosofia e fui colocada como jovem especialista no Instituto do Movimento Operário Internacional da Academia das Ciências da URSS. Noto que tudo isto foi muito mais difícil do que parece no papel. Também neste Instituto planeavam «*colocar uma cruz*» sobre mim e sobre os meus pontos de vista, coisa que Kedrov não tinha conseguido fazer.

Fiquei num sector do Instituto que era dirigido pelo então já famoso Bestújev-Láda, mais tarde um ardente adepto da «*perestroika*». Trabalhavam naquela altura na elaboração da «*nova ciência marxista-leninista de prognóstico*»,² ou seja, na execução de uma das «*encomendas*» de diversão dos serviços secretos ocidentais, através dos quais era conduzida a guerra psicológica-informativa contra o nosso país.

Na sua opinião, em que sentido a ciência de prognóstico era perigosa para a URSS?

A diversão psicológica-informativa consistia em introduzir no nosso país esta ou aquela fraude concebida no Ocidente para sabotar um determinado sector de actividade na URSS. Mas para «*introduzir*» a sabotagem era preciso camuflá-la bem. A camuflagem padrão passou a ser a invenção das chamadas «*novas ciências marxistas-leninistas*», nomeadamente a de «*prognóstico*».

¹ Por «*campo de género*» (*rodovoi pole*) entendemos campo do género humano; a teoria dos «*mundos paralelos*» (*tonki miri*) foi apresentada, em 1954, por Hugh Everett III, um jovem doutorando da Universidade de Princeton (EUA), que a partir de questões levantadas pela física quântica, concluiu existirem universos paralelos, que estariam relacionados com o nosso. Hoje várias teorias apontam para a existência de universos paralelos. (N. Ed.)

² A «*ciência de prognóstico*» (na terminologia russa) é mais conhecida como futurologia, termo derivado da expressão inglesa, *futures research*. (N. Ed.)

Estes «cientistas do prognóstico» tinham como objectivo destruir o sistema socialista de plano director, de início através de tentativas para o transformar em plano indicativo, à semelhança do Ocidente. Isto é, um organismo de investigação propõe parâmetros orientadores do desenvolvimento económico futuro, convidando o sector dos negócios a guiar-se por estas indicações.

Ora, na URSS, nas condições da propriedade social dos grandes meios de produção, a actividade de planificação desenvolvia-se num nível diferente, qualitativamente superior: definição dos objectivos, acumulação dos recursos, criação de conglomerados industriais-científicos e, no final, o alcance dos objectivos.

Porém, o Estado não pode fixar objectivos ao proprietário privado, pois o seu único fim é a obtenção de lucro. Por conseguinte, «a previsão do futuro» só interessa na medida em que não contrarie os interesses do grande capital, ou seja, no fundo limita-se a extrapolar o *status quo* existente. É este prognóstico extrapolado que se cultiva no Ocidente. Indiscutivelmente que tem as suas vantagens, mas no conjunto constitui um nível inferior de pensamento científico que pertence ao passado. Trazê-lo para o nosso país seria categoricamente errado, uma vez que só iria contribuir para a destruição do nosso próprio sistema de planificação historicamente mais perfeito. Ademais, eles nunca conseguiram prognosticar com clareza uma crise económica, apesar de as crises no capitalismo serem um fenómeno regular.

Disse isso a Bestújev-Láda?

Entreguei a Bestújev-Láda, como chefe do sector, um artigo intitulado «*A lógica da previsão social*». Aí se dizia que antes de mais é preciso determinar o quadro do processo objectivo em que nos encontramos. Estamos, claramente, no quadro, no «*corpo*», de um processo, longe de estar terminado, de construção ou de estabelecimento da formação socioeconómica comunista. Em termos gerais estamos no processo não concluído da revolução comunista (socialista). E é a lógica da nossa revolução que continua que deve servir-nos de fio condutor; é preciso estudá-la, e não olhar para o Ocidente e para os prognósticos que lá se fazem. Qual é a posição que ocupamos nesta construção histórico-objectiva? Confrontamo-nos com o quê? O que precisamos de fazer para se continuar a avançar?

Parecia-me que para os marxistas não poderia haver abordagem mais natural e fundamentada do que esta. Contudo, como resposta ouvi que, alegadamente, a revolução é um fenómeno espontâneo, que não tem nenhuma lógica inerente; que se «*soubessem ler*» no século XIX, não teria sido preciso nenhuma revolução. Lénine não previu coisa nenhuma e não dirigiu nada, estava a Suíça, comia papas de semolina, e sem ele presente aconteceu tudo o que tinha de acontecer. Sim, de resto, o marxismo não é uma ciência. E por aí fora...

Entretanto, «*tranquilizaram-me*»: «*não tenhas medo, aqui é tudo gente nossa*».

Que significa «gente nossa»?

«*Gente nossa*» eram aqueles que tinham conseguido lugares ao sol graças ao anti-stalinismo de Khruchov.

«*Fomos derrotados não em 1991, mas em 1956, quando não repelimos o desvario de Khruchov no XX Congresso*», disse a conhecida partidária de Stáline, Kira Alekséievna Kornéienkova,³ numa sessão do nosso clube político. Infelizmente, após o seu falecimento, em 1996, foi completamente esquecida.

Mas não se pode deixar de concordar com ela. Khruchov começou o seu trabalho de sapa ainda antes do XX Congresso. Veja por exemplo quem foi amnistiado em 1955, por ocasião do 10.º aniversário da vitória na grande guerra patriótica: pessoas condenadas por colaboracionismo com o inimigo, que serviram no exército, polícia e unidades especiais alemãs. E não foram apenas libertadas dos locais de reclusão, não regressaram apenas dos locais de deportação e exílio, também lhes retiraram as condenações e restituíram os direitos civis, ou seja, ainda lhes agradeceram. Ilibou-se de responsabilidades a escumalha que durante o período da guerra «*ocupou postos de direcção nos órgãos de polícia, gendarmaria e de propaganda dos ocupantes*», estou a citar o decreto da amnistia,⁴ e também aqueles que fugiram para o estrangeiro com os alemães e aí se entrincheiraram em organizações anti-soviéticas. O Conselho de Ministros foi incumbido de tomar medidas que facilitassem a entrada dessa escumalha no país e assegurando-lhes empregos e habitação.

Só foram reabilitados os inimigos?

No âmbito do decreto da amnistia de 17 de Setembro de 1955, penso que sim. Haverá dúvidas? Desculpe, mas falamos de gente condenada por ter servido nas polícias e ocupado postos de direcção nos órgãos da gendarmaria e de propaganda dos ocupantes.

Na sua essência tratou-se da reanimação massiva da quinta coluna que tinha sido destruída durante a época de Stáline. Você trabalhou nos órgãos de propaganda sob o domínio dos fascistas, então onde é que o vamos empregar? Nada menos do que num instituto da Academia de Ciências, numa universidade de prestígio, na redacção de um jornal central, na secção ideológica de um comité de cidade do partido, de um *oblast* ou mesmo do CC.

Em resultado, por toda a parte surgiram focos de anti-sovietismo colérico, como os quais depois se confrontaram comunistas «*idealistas*» como eu.

Bestújev-Láda ficou indignado, e os outros?

Em todo o sector apenas um camarada interveio abertamente em meu apoio, o qual depois de ter tentado conversar sobre este assunto com o director do Instituto (T.T.

³Kira Alekséievna Kornéienkova foi professora de Geografia e uma investigadora da biografia de Stáline, tendo constituído um importante arquivo de documentos recolhidos nos locais onde o líder soviético desenvolveu actividade. Faleceu em 1996. (N. Ed.)

⁴ Trata-se do «*Decreto do Presidium do Soviete Supremo da URSS sobre a amnistia dos cidadãos soviéticos que colaboraram com os ocupantes no período da Grande Guerra Patriótica 1941-1945*», aprovado a 17 de Setembro de 1955. (N. Ed.)

Timoféiev)⁵, percebeu (segundo as suas palavras) que não conseguiria nada para além de se sujeitar ao mesmo tipo de perseguições de que eu começava a ser vítima. Deve-se dizer que as sementes lançadas pelo khruchovismo, a amnistia de 1955, o XX Congresso e outras iniciativas do mesmo género, deram abundantes rebentos. Anti-soviéticos do tipo de Bestújev-Láda tinham efectivamente a «*gente deles*»: na direcção da Academia das Ciências, nos órgãos do partido e dos soviets, na procuradoria, no *KGB*, nas redacções dos jornais e revistas, em qualquer lugar. Além disso, os quinta-colunistas não se limitavam à ideologia. Introduziram-se directamente nas estruturas administrativas, nomeadamente económicas, e aí «*levavam à prática*» as suas «*teorias*» sabotadoras. Deste modo, a União Soviética não ruiu de «*uma vez*». Foi alvo de uma guerra de diversão que durou décadas.

Aqueles que se indignavam e protestavam contra o que estava a acontecer eram punidos como eu fui. No início de 1970 fui despedida do emprego através de um expediente fraudulento: «*por motivo de transferência para um outro trabalho*», mas nessa «*transferência*» não havia nenhum trabalho e como era de esperar esse trabalho nunca apareceu. Já nem falo de que a «*transferência*» foi feita sem o meu conhecimento e acordo, o que em si constituía uma violação grosseira do Código do Trabalho, segundo o qual, não se podia tocar com um dedo, como se costuma dizer, os jovens especialistas durante três anos. O membro da Academia das Ciências (membro da Academia!) M.B. Mítine, que dirigia a instituição para onde me haviam «*transferido*», disse que não tinha autorizado a minha transferência. E não me readmitiram no meu local de trabalho. A ordem desta infame «*transferência*» foi assinada pelo vice-presidente do Comité Estatal para a Ciência e Técnica, D.M. Gvichiani, um fervoroso defensor da «*nova ciência de prognóstico*» e, para cúmulo, genro de Kossíguine. Eis, pois, a «*ave*» de que precisaram para se livrarem de uma investigadora científica de base. E já agora, o que é que o Comité Estatal para a Ciência e Técnica tinha a ver com as questões de pessoal da Academia das Ciências? Com é sabido, durante o poder soviético, a Academia tinha autonomia de gestão.

Tudo isso não a quebrou?

A guerra é a guerra. Continuei a trabalhar na monografia que tinha começado no Instituto do Movimento Operário Internacional, intitulada *O Socialismo e a Questão da Inovação Qualitativa*. É precisamente a questão em torno da qual, como se costuma dizer, tudo girava no nosso país. Como lida o socialismo com avanços qualitativos, revolucionários se quiser, no processo histórico-social. Ou seja, lá onde «*habitualmente*» se exige uma revolução. Ora, no socialismo a revolução deve ser pacífica, institucional,

⁵ Este Timur Timoféiev era aliás filho do conhecido comunista norte-americano, Eugene Dennis, que foi perseguido nos EUA pelas suas convicções. Seria interessante saber o que pensaria Eugene Dennis se soubesse que o seu filho ajudou a asfixiar o marxismo e os marxistas na União Soviética que tanta simpatia demonstrou por ele.

[Timur Timoféievitch Timoféiev (1928-2013), nasceu em Ivanovo e morreu em Moscovo. Passou a infância e adolescência na Escola-internato Internacional E.D. Stássova, em Ivanovo, criada para acolher filhos de comunistas estrangeiros, impossibilitados de viver nos seus países. Doutorou-se em Ciências Históricas em 1965 e foi fundador e director do Instituto do Movimento Operário Internacional da Academia de Ciências da URSS entre 1966 e 2002. (N. Ed.)]

se quiser. A sociedade deve aprender a superar fronteiras qualitativas, de época, sem explosões.

Aliás, no fim de contas, nós atascamo-nos precisamente nessa fronteira revolucionadora, na transição da primeira para a segunda fase da formação comunista. V.I. Lénine preveniu que nesse momento haveria enormes alterações, com as quais era preciso saber lidar, sem precipitar a sociedade no caos.

Em torno desta questão central gigantesca sobrepunha-se uma massa ramificada de problemas, sobre os quais os agentes da guerra psicoinformativa especulavam febrilmente, procurando que o socialismo e o marxismo, a sua base científica, se afogassem neles.

Considero que, na referida monografia e em trabalhos posteriores, consegui destrinçar este «*novelo-de-cobras*». O marxismo saiu deste confronto com o revisionismo vipéreo não só inabalável, mas firmando-se ainda com mais pujança no espaço intelectual. Com o tempo isto será reconhecido, há limites para todo o silenciamento, cedo ou tarde todas as guerras terminam.

Procurou pessoas que partilhassem as suas convicções, tentou organizar um círculo?

Naquele tempo, encontrar pessoas no mundo científico que pudessem partilhar pontos de vista tão radicalmente distintos dos comumente aceites, como os meus, e exactamente no mesmo sentido que os meus, e além disso organizar círculos, era praticamente impossível. Muito mais ao verem que eu própria já tinha sofrido por causa desses pontos de vista. As pessoas tinham medo de ficar sem emprego, de ser vítimas do mesmo esquema que havia sido utilizado ostensivamente contra mim, e evitavam relacionar-se comigo, afastavam-se dos meus trabalhos. Só já perto do final dos anos 80, no pico da «*glasnost*», começou aparecer gente que partilhava as minhas ideias.

Ouve-se dizer com frequência que no período posterior a Stáline ninguém era reprimido pelas suas convicções, tanto mais quando essas convicções eram comunistas. Isso não corresponde à realidade. Uma pessoa que fosse despedida do emprego e entrasse na «*lista negra*» secreta, não seria reintegrada por nenhum tribunal ou procuradoria, mesmo que tivesse mil vezes razão à luz da lei, e em parte alguma encontraria outro trabalho na sua especialidade. Passaria a sua vida a ser riscada e ninguém a defenderia da arbitrariedade; isto não é repressão? De resto, é sabido que alguém que estivesse três anos sem trabalhar na sua especialidade podia perder para sempre a sua qualificação.

Eu não corria esse risco uma vez que durante todos esses anos nunca saí da Biblioteca Lénine. Isso de dia, pois à noite trabalhava como guarda-nocturno para viver.

Trabalhou como guarda-nocturno? E o que é que guardava?

Desculpe, mas não gostaria de recordar isso.

Como «dissidente vermelha» era contra Sákharov e Soljenítsine, mas estes também eram marginalizados pelo Estado. Resulta daqui que as vossas posições eram próximas.

Nada disso. Com base na experiência própria, que é mais do que suficiente, afirmo que no período em que Iúri Andrópov chefiou o Comité de Segurança de Estado da URSS, não houve qualquer combate ao contágio do anti-sovietismo e do anticomunismo, pelo contrário, assistimos a uma propagação habilmente orquestrada desse contágio, de facto incentivada pelo menos por uma parte da direcção superior do partido e do Estado.

O combate, aliás muito severo e a sério, era conduzido precisamente contra aqueles que compreendiam todo o significado nefasto desse processo e tentavam opor-se-lhe por sua conta e risco.

Houve muitas pessoas que o fizeram, apesar de não poderem contactar entre si. Em 1978 foi criada uma comissão especial no Bureau Político para analisar as cartas dos cidadãos sobre questões ideológicas. Se precisaram de uma comissão de nível superior, pode imaginar a avalanche de cartas enviadas.

A natureza desta correspondência pode ser avaliada pelo menos a partir das minhas cartas ao CC do PCUS, a Suslov, a Andrópov, ao *Pravda*, à revista *Kommunist*, etc. Parte delas está publicada no nosso site.

Nessas cartas acusa Bréjnev, Kossíguine e Suslov de desvio do marxismo-leninismo e exige o regresso ao modelo de Stáline. Teve sorte de não a terem internado num hospital psiquiátrico.

Não me internaram a mim, mas internaram a minha mãe, quando ela perdeu a paciência e começou a escrever a diversas instâncias, procurando esclarecer o que se estava a passar e por que razão, no país dos soviets, se escorraçava uma pessoa, quase como um cão vadio, pelas suas profundas convicções soviéticas e marxistas. Foi acusada de difamação, instauraram-lhe um processo criminal (!) e enviaram-na para o Hospital Kachenko. Tudo isto foi acompanhado de humilhações horrendas; depois disso ninguém me pode vir dizer que, alegadamente, «*não houve repressão*».

Contudo os «*psiquiatras*» do *KGB* não obtiveram nada. A minha mãe, a minha única apoiante, era uma pessoa inteligente e corajosa. Tudo terminou quando apareceu no hospital o director-adjunto da fábrica onde a minha mãe trabalhava como engenheira principal, acompanhado do secretário do comité do partido e do presidente do comité dos sindicatos. (Tratava-se da fábrica *Tizpribor*,⁶ que hoje já não existe, tal como a grande parte da indústria de Moscovo). A delegação manifestou a sua incompreensão face ao sucedido e, se é que havia problemas com a filha na Academia de Ciências, aconselhou os «*psiquiatras*» a resolverem-nos com ela e com a Academia e não com a *Tizpribor*. Naturalmente, depois deste embaraço, a minha mãe foi imediatamente libertada.

Outro embaraço resultou da tentativa de me incriminarem por «*parasitismo*». Como assim? Tinham posto na rua uma jovem especialista, violando tudo o que havia

⁶ A *Tizpribor* (Fábrica de Instrumentos de Medição de Precisão de Moscovo) foi fundada em 1933 e suspendeu a laboração em 2009. Porém, a julgar pelo site da actual empresa que conserva o mesmo nome, a produção foi reactivada em 2012, após ter mudado de proprietários. (N. Ed.)

para violar nesse caso, e depois foram apresentar queixa contra ela à polícia. Depois de examinar os documentos, o chefe da secção de polícia indignou-se e decidiu escrever à Academia exigindo que se pusesse fim à ilegalidade. Pelos vistos, porém, alguém lhe terá explicado a situação e ele desistiu da sua acção legal, mas a mim nunca mais me incomodaram.

Estes exemplos mostram que a podridão da «*perestroika*» vinha no fundamental de cima, e que «*em baixo*» havia bastantes pessoas honestas.

Teve reacções às suas cartas?

Não houve qualquer reacção às cartas, excepto respostas formais de «*distanciamento*» e chamadas telefónicas igualmente formais.

Mas à medida que eram confirmadas pelo próprio curso dos acontecimentos, as minhas avaliações começaram a ser utilizadas sem o menor escrúpulo, naturalmente, sem qualquer indicação da «*fonte*». Isto é mostrado em pormenor, por exemplo, no meu trabalho de 1982, «*A contradição essencial do socialismo, para a história da questão*». Trata-se de uma carta ao redactor principal da revista *Questões da Filosofia*, V.S. Semionov, que está publicada no nosso site e em jornais de pequena tiragem.

O facto é que ainda hoje as consciências não despertaram!... Apresentámos várias vezes à direcção do PCFR a proposta de reabilitar, pelo menos no partido, entre camaradas, as pessoas que foram perseguidas no período pré-*perestroika*, precisamente por terem erguido a sua voz, em devido tempo, contra a influência dos agentes estrangeiros que estava a ganhar força. Mas não, sobre isto não querem sequer ouvir falar. Ora, o nosso movimento «*comunista*» está cheio de pessoas que à época ocupavam altos, altíssimos postos. Esse mesmo Ziugánov foi adjunto de A.N. Iákovlev na Secção de Ideologia do CC. Egor Ligatchov, que hoje é zelosamente apresentado quase como um comunista santificado, no seu tempo supervisionou a Secção Geral do CC, onde era responsável precisamente pelas cartas e solicitações dos cidadãos. Não terão saído de lá «*ordens*» para instaurar processos criminais contra queixosos indesejáveis? R. Kossolapov, antigo redactor principal da revista *Kommunist*, é directamente visado no meu artigo de 1981. Que diga alguma coisa, ele e A. Frolovi, na altura seu «*consultor sobre Comunismo Científico*» e hoje membro do conselho de redacção do *Sovietskaia Róssia*, que digam, revelem honestamente os materiais que a revista recebeu nas vésperas do gorbatchovismo. Que digam como reagiram a esses materiais. Mas não, calam-se... Esta lista, como facilmente se depreende, podia continuar indefinidamente.

O KGB interessou-se por si? O que lhe disseram no KGB?

Chamaram-me à Lubianka⁷ a propósito das minhas cartas a Andrópov de 1978-79 e à direcção distrital do KGB. Aqui, é um facto, não elogiavam os anti-soviéticos, como vi na Secção de Ciência do CC do PCUS, onde um certo V.N. Káchine me disse: *São bons rapazes e nós apoiamos-los*. Mas as conversas também não deram resultados positivos, para além de evasivas promessas de «*investigações*».

⁷ A sede do KGB situava-se na Praça Lubianka, no centro de Moscovo, junto à Praça Vermelha. (N. Ed.)

Na Lubianka perguntaram-me: *Mas porque é que não veio logo? Ao que respondi: Desculpe, por que razão deveria eu vir a correr ao KGB apresentar uma denúncia?* Como uma cidadã cumpridora da lei percorri as diversas instâncias. Acaso a direcção do Instituto do Movimento Operário Internacional, o comité do partido no Instituto, o *Presidium* da Academia das Ciências, a Secção de Ciência do CC, etc., não tinham a obrigação de intervir e repor as coisas no seu lugar?

Só me dirigi a Andrópov quando se tornou absolutamente claro que não era só uma perseguição pessoal contra mim, mas uma sabotagem ideológica contra o partido e contra o Estado Soviético. Uma sabotagem em tal escala que, se não fosse atacada imediatamente e da forma mais resoluta, conduziria à derrocada do regime socialista no país. Isto está escrito na carta a Andrópov, de 5 de Abril de 1979.⁸ Está disponível no nosso site).

Aliás, enquanto L.I. Bréjnev esteve no poder, pode-se dizer que não me tocaram. Mas quando Andrópov se tornou secretário-geral, pelos vistos, decidiram ajustar contas comigo, por todas as acusações e avisos que lhes tinha feito anteriormente. Em todo o caso, a «*operação*» de instauração de um processo-crime contra a minha mãe foi seguramente organizada por eles.

Na sua opinião, o que era preciso fazer nos anos 70 e 80 para se regressar à via de desenvolvimento?

Era preciso repudiar o relatório de Khruchov no XX Congresso, em 1956, e regressar a Stáline, mas sem o retirar do contexto geral da doutrina comunista e não o contrapondo a ninguém. Isto é, regressar à integralidade da doutrina de Marx-Engels-Lénine-Stáline, a qual nos catapultou para a posição de segunda superpotência mundial. No entanto, para isso era preciso um líder, congenial de Stáline ou de Lénine, e naquele momento, infelizmente, não tínhamos esse líder no nosso país.

A que se refere quando fala em resolver os problemas à maneira de Stáline?

Refiro-me, antes de mais, ao regresso ao modelo económico de Stáline (ao sistema de duas escalas de preços), isto é, a uma das nossas maiores descobertas de engenharia social. No modelo de Stáline não só estavam socializados os meios de produção, mas tinha sido encontrado o modo de socializar o sobreproduto, por outras palavras, a forma de o entregar aos trabalhadores na máxima medida possível. O sobreproduto (rendimento social) chega aos trabalhadores através da redução regular dos preços básicos a retalho e do aumento incessante dos fundos de consumo social gratuito.

As gerações mais antigas lembram-se que entre 1947 e 1953, período em que o modelo de Stáline estava em pleno funcionamento, as prateleiras das lojas e dos mercados kholkozianos abarrotavam com a abundância de produtos. Ao contrário da falsa «*abundância*» de hoje, naquele tempo todos os produtos, mesmo os mais baratos, eram naturais e de esplendorosa qualidade.

⁸ Ver tradução portuguesa em http://www.hist-socialismo.com/docs/Khabarova_%20cartas_Andropov_II.pdf (N. Ed.)

Todos os anos, no início de Março, os jornais publicavam nas páginas centrais a lista dos produtos com a respectiva redução de preço. E não se tratava de nenhuma espécie de saldos para escoar mercadorias não vendidas, como hoje se tenta fazer crer, mas de produtos básicos de consumo geral: pão, carne, manteiga, ovos, leite e laticínios, açúcar, sémola, legumes, etc. As lojas mantinham durante alguns dias as etiquetas com os preços antigos e ao lado colocavam as novas. As pessoas deslocavam-se expressamente para assistir àquele espectáculo. Eram dias de genuíno rejúbilo popular, era assim que as pessoas reagiam ao zelo, verdadeiro e não ilusório, que o governo soviético revelava por elas. Os preços baixavam habitualmente entre 10 a 15 por cento, o bem-estar do povo aumentava impetuosamente. E além disso ainda se alargava o conjunto de bens sociais de acesso gratuito.

Por outras palavras, se tivéssemos seguido a política económica de Stáline, então, por volta de 1980, estaríamos realmente a viver no comunismo. Mas os nossos êxitos económicos provocaram pânico e raiva no Ocidente. Não surpreende que o desmantelamento do mecanismo económico de Stáline se tenha tornado no objectivo geopolítico número um para os imperialistas de todo o mundo. Isso foi concretizado por intermédio do traidor e inimigo do povo Khruchov.

Khruchov começou por liquidar as estações de máquinas-tractores (*MTS*)⁹ e vender a maquinaria aos *kolkhozes*. Na época de Stáline, toda a assistência técnica da agricultura é feita através do sistema das *MTS*, praticamente à custa do Orçamento do Estado. As *MTS* eram organizações financiadas pelo Orçamento do Estado, ou seja, todos os cuidados com a maquinaria, a sua manutenção, reparação, renovação, etc., eram assumidos pelo Estado. Estes gastos gigantescos não entravam no custo de produção dos produtos agrícolas, o que explica a sua abundância e os baixos preços.

Mas quando a maquinaria e todos os seus problemas foram imputados coercivamente aos *kolkhozes*, todos os custos correspondentes passaram a ser reflectidos no custo de produção do produto final, enquanto antes apenas era incluído o pagamento do trabalho vivo dos *kolkhozianos*. A partir daqui tornou-se impossível pensar sequer em futuras reduções dos preços de consumo, que aliás cessaram imediatamente. Além disso, a própria manutenção dos preços a retalho num nível estável tornou-se um problema. Foi preciso começar a subvencioná-los, e entre os preços grossistas e os preços de compra surgiu uma monstruosa «*bolha*» de subvenções. Isto é, se no tempo de Stáline as subvenções orçamentais serviam, em última análise, para reduzir os preços no interesse da população, agora o Estado era obrigado a subvencionar as asneiras e sabotagens das estruturas administrativas revanchistas pró-ocidentais.

Ainda nos anos 70 escrevi ao *Gosplan* sobre a necessidade e a inevitabilidade objectiva do regresso ao modelo de Stáline. (Cf. no nosso site, pelo menos, a minha carta ao chefe do departamento de Novos Métodos de Planificação, N.E. Droguitchinski, de Setembro de 1979) Já sem falar dos programas económicos, escritos nas décadas seguintes, da associação *Edintsvo* [Unidade] e da Plataforma Bolchevique. Hoje alguns dos nossos teóricos também começam a esfregar os olhos, depois de um sono de 30 anos, e a repetir lentamente os meus argumentos e conclusões (por exemplo, V.I. Kattassonov, no suplemento *Uliki* [do jornal *Soviétskaia Róssia*], de 30 de Janeiro de

⁹ Sigla russa de *Machinno-Traktornaia Stantsia* (estação de máquinas-tractores). (N. Ed.)

2014).¹⁰ Mas como sempre, segundo o velho hábito, até parece que Katassonov foi o primeiro a quem estas coisas vieram à cabeça nestes 30 anos.

Disse que surgiram partidários seus nos anos 80...

Sim, em 1988, a revista *Kommunist* publicou um dos meus artigos sobre a economia de Stáline, malgrado ter sido «revisto» de forma tendenciosa e rematado com um longo posfácio injurioso.

No entanto, comecei a receber cartas e leitores interessados vieram de Leningrado, Kazan, Leninsk (a cidade onde se situa o cosmódromo de Baikonur), Armavir, etc.

Foi precisamente nessa altura que foi publicado o célebre artigo de Andréieva «Não posso abdicar dos princípios», em que condenada as críticas a Stáline e ao socialismo feitas pelas figuras da perestroika.

O artigo de Andréieva tornou-se «célebre» devido ao vergonhoso silenciamento durante muitos anos dessa imensidão de «cartas dos cidadãos sobre questões ideológicas», à qual já nos referimos atrás e que motivou a criação de uma comissão especial em 1978, dez anos antes do «célebre artigo».

A intervenção de Andréieva foi uma brilhante encenação de A.N. Iákovlev¹¹ e de Tchíkine,¹² redactor principal do *Soviétskaia Róssia*, uma imitação do alarme massivo dos cidadãos soviéticos face ao evidente estado deplorável do país no plano político-ideológico e à traição da cúpula dirigente, igualmente evidente para muitos (tal como para mim se tornou evidente a traição de Andrópov logo no final dos anos 70).

Era preciso dar vazão a este alarme, de outro modo poderia estourar de forma imprevisível, por isso era necessário uma simulação, para «encabeçar e desviar».

Aliás, no início dispus-me a tomar a sério Andréieva. Pensei: *é possível que simplesmente tenha tido mais sorte do que eu com a publicação.* Viatcheslav Volkov, um dos leitores do meu artigo na revista *Kommunist*, foi visitar Andréieva em Leningrado. Mais

¹⁰ O essencial deste artigo de Katassonov está disponível em <http://www.hist-socialismo.com/docs/KatassonovMilagreEconomico.pdf> (N. Ed.)

¹¹ Aleksánder Nikolaievitch Iákovlev (1923-2005) responsável a partir de 1985 pelo departamento de propaganda do PCUS, torna-se membro do CC do PCUS em 1986, responsável pelas questões da ideologia, informação e cultura. Sobe ao *Politburo* em Junho de 1986 e é sob proposta sua que são nomeados os directores dos principais jornais e revistas do país que passam a defender abertamente posições anti-socialistas (os jornais *Moskóvskie Novosti*, *Soviétskaia Kultura*, *Izvéstia*; as revistas *Ogoniok*, *Známia*, *Novi Mir*, entre outros). Promoveu a publicação de uma série de romances de escritores dissidentes e anti-soviéticos, bem como a exibição de cerca de 30 filmes antes proibidos. Em Agosto de 1991 anunciou a decisão de abandonar o PCUS. (N. Ed.)

¹² Valentine Vassilievitch, Tchíkine (1932), jornalista soviético, membro do PCUS desde 1956, membro do CC entre 1990 e 1991 (candidato entre 1986 e 1990), trabalhou 14 anos no jornal *Komsomólskaia Pravda*, transitando em 1971 para o *Soviétskaia Róssia*, do qual se torna redactor principal (equivalente às funções de director em Portugal) em Fevereiro de 1986, cargo que mantém na actualidade. É membro do CC do PCFR desde 1993. (N. Ed.)

tarde, no Verão de 1989, recebi uma carta sua propondo-me que aderisse à associação «*Edinstvo*» que tinha organizado. Não tinha motivos para recusar, pelo contrário, rejubilei com o surgimento na minha vida da possibilidade de integrar um colectivo.

Elaborei o programa económico para a «*Edinstvo*», intitulado «*Dizemos NÃO à aventura de mercado!*». Ainda hoje este programa tem interesse e não apenas histórico. À associação *Edinstvo* devo ainda o facto de, em seu nome, ter sido aprovada a primeira resolução na história da «*perestroika*» com a proposta formal de retirar a confiança política a Gorbatchov. Todos estes materiais estão no site <http://cccp-kpss.narod.ru>. A resolução foi apresentada pela primeira vez na conferência da Frente Unida dos Trabalhadores, em 2 de Dezembro de 1989, na Casa da Cultura Zuev, em Moscovo, provocando uma discussão de duas horas e o pânico entre os imitadores, como A.A. Serguéiev, V.M. Iakuchev, V.I. Anpilov e outros.¹³

Por minha iniciativa, com o apoio de B.M. Gunko, foi organizado, a 13 de Setembro de 1989,¹⁴ um piquete junto à Sala das Colunas da Casa das Uniões, onde decorria a Conferência Económica de Toda a União, com a participação de Gorbatchov. O piquete foi uma total surpresa para as autoridades, o que deu a A.A. Serguéiev, então um dos líderes da associação informal, a possibilidade de intervir na sessão plenária e todo o país soube da existência de uma oposição séria, científica, a Gorbatchov, facto que até àquele momento era silenciado. O piquete foi mostrado na televisão, algo que à época ainda era uma raridade.

No que respeita à Plataforma Bolchevique não foi tomada nenhuma resolução específica sobre a sua criação. Porém, no plenário do comité político executivo da associação *Edinstvo*, em Janeiro de 1991, em Leningrado, foi decidido «*dinamizar a campanha para a convocação do XXIX Congresso do PCUS na Plataforma Bolchevique*». Fui encarregada de escrever o documento da Plataforma Bolchevique no PCUS. Em geral, a ideia da Plataforma Bolchevique pairava no ar, mas o problema estava em saber qual a configuração do bolchevismo renovado. E aí revelaram-se úteis os meus 20 anos de «*clandestinidade revolucionária*», uma vez que nesse período não me ocupei de outra coisa senão do novo rosto da doutrina marxista, depurada do revisionismo da época pós-Stáline.

Resumindo, por volta de Março de 1991 o documento estava pronto, fotocopiado e, no fundo de uma caixa de papel de fotocópia, foi enviado a Andréieva, com a ajuda de Viatcheslav Satchkov, que transportou a caixa para Leningrado. E foi nessa forma, após ser retirado da famosa caixa, que esteve presente na conferência constituinte da Plataforma, em Julho de 1991, na cidade de Minsk. Nem a própria Andréieva, nem nenhum dos seus correligionários tiveram a mais pequena participação na elaboração do documento da «*Plataforma Bolchevique no PCUS*».

Naturalmente, o documento foi publicado no jornal e enviado a todos os membros da *Edinstvo* espalhados pelo país. As reacções foram no fundamental positivas, algumas até entusiásticas. As únicas reacções negativas pertenceram a declarados trotskistas.

¹³ A gravação sonora desta conferência ficou na posse de A.A. Kuvaev, mas ignoro se foi ou não conservada. Infelizmente nunca a tive.

¹⁴ Ou Outubro, agora não consigo recordar-me com exactidão. [Com efeito, não nos foi possível confirmar a realização desta conferência nas datas referidas pela autora. Em contrapartida, entre 13 e 15 de Novembro de 1989 teve lugar, na Sala das Colunas da Casa das Uniões, a Conferência Científica-Prática de Toda a União, subordinada ao tema «*A Reforma Económica Radical: Medidas Prioritárias e a Longo Prazo*». (N. Ed.)]

Quantas pessoas estavam na Plataforma Bolchevique?

Na Conferência de Toda de Rússia de apoiantes da Plataforma Bolchevique em Minsk, nos dias 13 e 14 de Julho de 1991, estiveram presentes cerca de mil delegados.

N. Andréieva foi proclamada líder da Plataforma Bolchevique no PCUS. Como órgão dirigente da Plataforma, tome nota, foi eleito o Comité Organizativo para a convocação do XXIX Congresso extraordinário do PCUS, igualmente sob a presidência de Andréieva.

Passado mês e meio eclodiu o malfadado «*putsch*» e Andréieva mudou o rumo em 180 graus. Em vez da bolchevização do PCUS, jurada na conferência de Minsk, foi anunciada a criação de um novo partido, o Partido Comunista dos Bolcheviques de Toda a União; o PCUS era agora «*um cadáver em decomposição*», que tinha de ser removido do caminho da nossa sociedade para o comunismo.

Foi Nina Andréieva quem disse isso?

Disse-o de todas as tribunas, escreveu-o e censurou todos aqueles que se mantinham leais a um «*cadáver em decomposição*» e não desejavam entrar para o «*novo e depurado*» partido. Tornou-se claro que ela era uma falsa líder, lançada na arena política para canalizar os sentimentos de protesto, principalmente os sentimentos stalinistas, e no momento certo «*desviá-los para o lado*». Para isso foi necessário constituir em Minsk um Comité Organizativo fraudulento, de fachada, para a convocação do Congresso extraordinário do PCUS.

Nesta situação a minha tarefa foi conservar o que podia da Plataforma Bolchevique: isto é, a marca em si, o acervo teórico-ideológico e um contingente, pequeno que fosse, capaz de resistir à influência perniciosa da própria Andréieva e da poderosa campanha informativa em seu torno.

Em certa medida isso foi conseguido; a Plataforma Bolchevique manteve-se na cena política e ulteriormente afirmou-se com grande dignidade.

Como reagiu à decisão de Élt sine de proibir o PCUS?

No dia 20 de Novembro de 1991, em Moscovo, aprovamos uma declaração em que reafirmámos que continuávamos a considerar-nos como Plataforma Bolchevique no PCUS, caracterizámos o decreto de Élt sine de 6 de Novembro como «*um acto de agressão interna contra o povo*», e o regime de Élt sine como ilegítimo e criminoso, ao serviço do capital transnacional. Apelámos também aos comunistas a que conservassem as organizações de base do partido (as quais, aliás, ninguém tinha proibido!) e continuassem «*a sua actividade enquanto membros do Partido Comunista da União Soviética*». Esta declaração também passou num canal qualquer de televisão, não me recordo agora de qual.

A Plataforma Bolchevique era apoiada por algum «mandachuva» do partido ou apenas por militantes de base?

Alguns «mandachuvras» apoiavam seguramente Andréieva, mas a nós não, nenhum nos apoiava. Pouco tempo depois da conferência de Minsk, convidaram-me, juntamente com outras pessoas do movimento comunista, a ir ao CC, não do PCUS, mas do PC da RSFSR (se não estou em erro), onde de falou da eventual participação nossa na elaboração do novo programa do partido. Mas depois do «*putsch*», naturalmente, nada disto teve continuidade.

Na sua opinião, o putsch representou o quê?

Foi uma provocação destinada a derrotar definitivamente o partido e o poder soviético. Os membros do Comité Estatal de Emergência¹⁵ ou eram anormalmente crédulos, gente ingénua, ou provocadores conscientes. Porque é que fizeram entrar tanques sem munições? Porque é que não prenderam Élt sine se o consideravam de facto como um criminoso. Porque é que nem sequer arrancaram as proclamações de Élt sine que cobriam toda a cidade. Porque é que não apelaram ao povo, aos comunistas, isso teria efeitos muito maiores do que tanques a fingir. Etc.

Mas o Comité Estatal de Emergência recusou ajuda?

O dirigente da organização de Moscovo da «*Edinstvo*», B.M. Gunko, assegurou que tentou contactar os membros do Comité Estatal de Emergência exactamente para lhes propor que fizessem o povo sair à rua, que em vez do *Lago dos Cisnes*, se transmitisse na televisão um apelo ao povo soviético para que apoiasse o Comité de Emergência, mas deparou-se com um muro de silêncio. O que foi bastante lamentável, uma vez que Gunko tinha um indiscutível talento de organizador de rua e deviam tê-lo ouvido.

O estado de espírito era semelhante ao dos membros do Comité de Emergência...

Infelizmente os maus exemplos são contagiantes, a frouxidão do Comité teve um efeito desmoralizador nas pessoas. Quando reunimos a nossa célula de Moscovo, a 30 de Agosto, houve gente em pânico que queria que se destruísse o arquivo, se mudasse de nome e até mesmo a autodissolução. Só com muito esforço consegui travar

¹⁵ O Comité Estatal de Emergência anunciou, na manhã de 19 de Agosto de 1991, que assumia a chefia do Estado com plenos poderes. Era constituído pelo vice-presidente da URSS, Guennadi Iánaev, investido das funções de Chefe de Estado durante estadia de Gorbatchov em Foros, pelo primeiro-ministro, Valentine Pávlov, os ministros do Interior, Boris Pugo, e da Defesa, Dmítri Iázov, o presidente do *KGB*, Vladímír Kriutchkov, o presidente da União dos Camponeses da URSS e membro CC do PCUS, Vassili Starodubtsev, e o presidente da Associação de Empresas Estatais e Instalações Industriais, da Construção, Transportes e Comunicações da URSS, Aleksandr Tiziakov. O comité tinha o apoio de praticamente todo o Gabinete de Ministros, com o qual se reuniu no primeiro dia do golpe. (N. Ed.)

essa onda de pânico, apesar de compreender, por experiência própria, que o receio das pessoas não era desprovido de fundamento. Também eu durante o período da minha «*dissidência*» fui alvo de atentados. Uma vez, por pouco não me asfixiaram até à morte, fiquei inconsciente durante 40 minutos, num matagal para onde me tinha arrastado.

Mas aos poucos todos se recompuseram e voltou-se a ouvir intervenções racionais. Um dos nossos jovens camaradas, Iúri Súsline, declarou: *Mas que coisa é esta de Gorbachov ter dissolvido o partido? O partido só pode ser dissolvido pelo congresso, e o congresso só pode ser convocado pelo CC. Temos de encontrar membros dos CC que não tenham medo, eles que realizem um plenário, convoquem um congresso e o congresso que me diga a mim que o partido já não existe. Então talvez deite fora o cartão do partido, logo veremos.*

Esta posição tornou-se o nosso programa de acção imediato.

Entrámos em contacto com o membro do CC do PCUS, A.A. Prigrarine, e conseguimos convencê-lo a constituir um grupo que tomasse a iniciativa de realizar um plenário do CC. Este encontro realizou-se em 4 de Janeiro de 1992. O plenário do CC do PCUS, convocado com toda a legitimidade que era possível naquelas condições, reuniu-se a 13 de Julho de 1992. Foi constituído um comité organizativo para a convocação da XX Conferência de Toda a União do Partido e do XXIX Congresso do PCUS, não um comité «*queimado*» como o de Andréieva, mas verdadeiro, concentrado na tarefa para que havia sido criado. Também fui convidada para integrar o comité organizativo, apesar de na altura não ser sequer membro do PCUS quanto mais do CC. Vimos este convite como o reconhecimento do papel indiscutível da Plataforma Bolchevique em todo este processo.

A XX Conferência de Toda a União do Partido teve lugar a 10 de Outubro de 1992 e o XXIV Congresso no final de Março de 1993. Mas, como de resto não era difícil prever, no caminho do renascimento do PCUS atravessaram-se os imitadores, dirigidos por O.S. Chénine,¹⁶ que tinha substituído K.A. Nikoláiev no posto de presidente do comité organizativo em Janeiro de 1993. Começou a ser explorada a «*teoria*» de que, na situação criada, o PCUS, como partido uno, alegadamente, já não era viável e que deveria ser substituído por uma «*união de partidos comunistas*». Até o gorbachoviano XXVIII Congresso havia rejeitado esta ideia reles e pútrida.

Todavia, Chénine insistiu e o PCUS foi «*transformado temporariamente*» numa espécie de «*organização internacional*», uma união de partidos comunistas das repúblicas, (UPC-PCUS). Como esta «*organização internacional*» não dispunha estruturas de base ficou privada de desenvolver qualquer trabalho de massas. A sua actividade resumia-se a juntar à mesa duas vezes por ano, em Gorki Leninskie, os líderes dos partidos comunistas das repúblicas. Opus-me a isto com todas as forças, quer no comité organizativo, quer depois do congresso no Comité Político Executivo

¹⁶ Oleg Semiónovitch Chénine (1937-2009), membro do PCUS desde 1962, do *Politburo* (1990-93), secretário do CC (1990-1993), foi primeiro secretário de várias regiões entre 1974 e 1990. Entre 1993 e 2001 foi presidente do Conselho da União dos Partidos Comunistas-Partido Comunista da União Soviética (UPC-PCUS). Entre 1993 e 2000 integrou o Comité Executivo Central do Partido Comunista da Federação Russa. Foi expulso do PCFR pela tentativa de criação do Partido Comunista da União da Bielorrússia e da Rússia. Em 2001 está no centro de uma cisão do UPC-PCUS, formando o seu próprio PCUS, do qual se torna presidente em 2004. (N. Ed.)

do UPC-PCUS. Porém, infelizmente, estive sempre em minoria e por fim completamente sozinha. Quando chegaram ao ponto de eliminar a filiação individual no PCUS, a minha paciência atingiu o limite. Em Janeiro de 1994 comuniquei a Chénine a minha demissão do Comité Político Executivo e, em 1995, a Plataforma Bolchevique saiu do UPC-PCUS.

Como o tempo não tenho dúvidas de que o PCUS, como partido uno de toda a União, será reestabelecido, mas a tentativa atrás descrita, devido à interferência dos imitadores, não teve êxito.

Como vê os acontecimentos de 1993?

Não classifico de «*revolução*» toda aquela confusão que houve em Krásnaia Présnia.¹⁷ Tudo não passou de uma provocação do mesmo tipo que o Comité de Emergência. Da varanda da Casa dos Sovietes, discursavam imitadores que já conhecíamos do nosso «*movimento comunista*». Cá em baixo, na rua, é certo que se juntaram pessoas dispostas a bater-se em defesa do poder soviético, mas não havia nenhuma linha de direcção. Depois, grande parte delas foi exterminada. Clamam que o «*parlamento foi fuzilado*». Então indiquem-me pelo menos um deputado que tenha sido «*fuzilado*» ou sequer ferido. Não houve nenhum. Só morreram «*sovki*»¹⁸ que construíram «*barricadas*» com caixas de cartão em volta da Casa dos Sovietes. Os que gritavam da varanda saíram durante a noite incólumes e sem dificuldades, antes do assalto à Casa dos Sovietes, nomeadamente Saji Umalatova.¹⁹

E a provocação da «*marcha para Ostankino*»?²⁰ Colocaram pessoas desarmadas para sob a ameaça das balas, empurraram-nas para actos que levariam inequivocamente o exército a disparar, e abandonaram-nas no local à sua sorte, saindo de cena.

Deparando-se uma e outra vez com imitadores, as massas populares dispostas a lutar pela URSS foram perdendo o ânimo, e é cada vez mais difícil reerguê-las. Não conheço quem acredite verdadeiramente em Ziugánov e no PCFR hoje. Não é em vão que se ironiza, dizendo que não é um partido comunista, mas uma S.A. particular cujo fim é a obtenção de mandatos de deputado.

¹⁷ Krásnaia Présnia é um bairro (*raion*) de Moscovo, onde se situava a Casa dos Sovietes, hoje sede do governo da Federação Russa. Também se tornou conhecida como «*Casa Branca*», nomeadamente durante os acontecimentos de Outubro de 1993, quando o presidente Élt sine ordenou o bombardeamento por tanques do edifício, com o fito de dissolver o Congresso dos Deputados do Povo e o Soviete Supremo da Federação Russa. (N. Ed.)

¹⁸ O termo *sovok* (*sovki* no plural), que significa literalmente «*pá*» (pá do lixo, p. ex.), no jargão russo é uma derivação da expressão «*sovietskie ludi*» (povo soviético) e designa depreciativamente os partidários da União Soviética ou pessoas com «*mentalidade soviética*» em geral. (N. Ed.)

¹⁹ Saji Umalatova (1953), membro do PCUS desde 1978, deputada do Soviete Supremo desde 1984, foi eleita deputada do povo em 1989. Interveio várias vezes em defesa da União Soviética e participou na defesa do Soviete Supremo da Rússia em 1993. Mais tarde fundou o partido Paz e Unidade, de que é presidente. (N. Ed.)

²⁰ Ostankino é uma zona de Moscovo onde está instalado o centro de televisão. Em 3 de Outubro de 1993, o exército disparou sobre populares que se manifestavam nas redondezas em defesa do Soviete Supremo. Pelo menos 46 pessoas foram mortas. (N. Ed.)

Afirma que a URSS continua a existir hoje. Explique-nos o que quer dizer com isso?

Em primeiro lugar, a URSS existe *de jure*, uma vez que pacto de Belaveja,²¹ que alegadamente a «*dissolveu*», não tem validade jurídica, constituindo não um acto de «*dissolução*» da URSS, mas um crime de «*traição à pátria*», segundo o artigo 64.º do Código Penal da RSFSR. Penso que qualquer jurista competente no planeta sabe «*para si próprio*» que é assim.

Depois, a URSS é o expoente máximo do desenvolvimento do processo revolucionário mundial, que ainda hoje não pode ser aniquilado, tal como não pode ser aniquilada a própria revolução mundial de emancipação social. No presente momento, a URSS é um país sob ocupação temporária. De acordo com o direito internacional, o portador da sua soberania espezinhada é o povo soviético, os cidadãos da URSS que não renunciaram à sua nacionalidade. As suas decisões, caso consigam auto-organizar-se e tomar decisões, têm inquestionavelmente força jurídica.

Lembremo-nos de que este esquema jurídico foi utilizado nos países do Báltico durante a transição para a via burguesa. Foram realizados congressos de cidadãos dos antigos estados burgueses da Lituânia, Letónia e Estónia, que decidiram reconstituir os estados burgueses.

Por que razão nós não podemos utilizar o mesmo mecanismo para reconstituir a URSS? Esta é uma das ideias-chave da Plataforma Bolchevique, mas há mais de 20 anos, desde 1993, que é abafada pela cortina de silêncio da traição dos imitadores.

Em Outubro de 1995 realizámos o I Congresso dos Cidadãos da URSS, que aprovou a **Declaração sobre a unicidade do povo soviético, o seu direito à reunificação e exercício em plenitude do poder e da soberania no território da URSS**. Neste documento, pela primeira vez desde o referendo de Março de 1991, é colocada com toda a firmeza a questão da existência do povo soviético e dos direitos que lhe assistem. Antes de mais, o direito à reunificação, dado que, juridicamente, é hoje um povo dividido coercivamente.

Desde então realizaram-se vários congressos. Se formos capazes de unir o nosso povo em torno de uma base soviética, como cidadãos da URSS, o país será libertado e revitalizado, não tenho dúvidas a este respeito. Nos anos 90, todos nos chamavam malucos, mas hoje não falta quem fale deste assunto; mesmo na «*Rússia Unida*» já se fala em povo soviético (por exemplo, Anton Romanov).²²

²¹ O pacto de Belaveja ou acordo de Minsk declarava que a URSS, «*como sujeito do direito internacional e realidade geopolítica, cessa de existir*». Foi assinado, em 8 de Dezembro de 1991, pelos presidentes da Federação Russa, Borís Élt sine, da Bielorrússia, Stanislav Chuchkevitch, e da Ucrânia, Leonid Kravtchuk. (N. Ed.)

²² Anton Vassilievitch Romanov (1952) é deputado da «*Rússia Unida*» na Duma Estatal da Rússia desde Dezembro de 2011. Em Abril de 2014, juntamente com outros deputados, requereu ao procurador-geral a abertura de uma investigação sobre os actos de Mikhail Gorbachov, enquanto presidente da URSS, que levaram à derrocada da União Soviética. (N. Ed.)

Tudo muda...

E nem sempre no mau sentido. Quantas ideias nossas já foram tomadas por outros como argumentos. A ocupação tornou-se uma espécie de lugar-comum, e o facto é que há alguns anos diziam-nos que éramos loucos.

Fala constantemente em ocupação, mas quem é que ocupou a URSS?

Foi o capital transnacional através de estruturas suas como o FMI, o Banco Mundial, etc. Ainda hoje os nossos orçamentos anuais do Estado são elaborados pelo Fundo Monetário Internacional, como incessantemente tem escrito Iuzef Kovaltchuk.²³

Nos EUA há muito que estão publicados documentos do Conselho Nacional de Segurança dos anos 50 e 60 do século passado, onde se afirma abertamente que os Estados Unidos se encontram em estado de guerra com a União Soviética, que é seu objectivo o derrubamento do poder soviético e a liquidação do regime socialista no nosso país, que a ocupação da URSS a seguir à guerra deve ser realizada por intermédio de regimes colaboracionistas, etc.

Em 1979, nas prateleiras das livrarias do nosso país encontrava-se por toda a parte o livro de N.N. Iákovlev, *A CIA Contra a URSS*, onde são citados excertos de páginas inteiras das directivas do Conselho Nacional de Segurança. Mas se eu referir esses mesmos excertos nos meus trabalhos (apesar de indicar a fonte original), dizem-me que perdi o juízo. Será que ninguém os leu? É que estes documentos eram conhecidos muito antes de ter aparecido qualquer Gorbachov.

Provavelmente já ninguém acreditava nesses livros de propaganda.

Mas havia muita gente dessa que tinha o dever por profissão de saber tudo isto.

Hoje, a doutrina da libertação e restauração da URSS e do seu desenvolvimento segundo os princípios comunistas está de facto elaborada. Isto está feito nos documentos da Plataforma Bolchevique e do Congresso de Cidadãos da URSS. Ou seja, pode-se dizer que a vertente intelectual da luta de libertação nacional soviética está assegurada.

Não temos um líder que possa encabeçar na prática esta luta. Mas essa é uma questão que resolve com o tempo; esse líder surgirá inevitavelmente. Afinal de contas, até Marx não previu a revolução de 1917. Oxalá não tenhamos de esperar tanto tempo pelo nosso líder como o marxismo teve de esperar por Lênine e por Stáline. Então veremos com os nossos próprios olhos o renascimento do nosso país como superpotência socialista, baseada nos princípios do marxismo-leninismo, nos «três modelos» de Stáline: económico, democrático e nacional.

²³ Iuzef Konstantinovitch Kovaltchuk (1937), membro da Academia de Ciências e Artes Pedro I, organização social fundada em 1991, com o fim de recuperar as tradições da Academia de Ciências imperial e promover o renascimento espiritual da Rússia, tendo como referência o tsar Pedro I «o Grande». (N. Ed.)

A que modelo democrático se refere?

Refiro-me ao seu programa de desenvolvimento da autocritica e da critica de massas a partir de baixo. Este foi um «*brainstorming*»²⁴ para resolver um problema grandioso: a busca de um mecanismo de oposiçao na sociedade socialista. Com efeito, sem oposiçao, no sentido lato da palavra, sem ligaçao de retorno, nenhuma sociedade pode existir. Ao mesmo tempo, o tradicional mecanismo de oposiçao burgues, o multipartidarismo, não nos serve porque o multipartidarismo é simplesmente o mercado do poder. Não só não nos serve como já está historicamente obsoleto. Veja a Rússia actual: partidos é o que não falta, mas tal como antes continua a não existir ligaçao de retorno. Isto não acontece só no nosso país.

A descoberta genial de Stáline no domínio da construcão da democracia consiste em que, no socialismo, o factor de oposiçao deve ser o **indivíduo**: literalmente qualquer pessoa, guiada pela consciéncia do dever social, pronuncia-se livremente sobre o estado de coisas na sociedade, critica as insuficiéncias existentes, propõe vias para a sua eliminaçao e envolve-se activamente nesse trabalho. Em todas as manifestaçoes da sua iniciativa critica-criativa, o cidadão deve estar integralmente defendido pela lei. Não pode acontecer que alguém por ter feito criticas seja despedido do emprego ou internado num hospital psiquiátrico.

«*Se os operários utilizam a possibilidade de criticar aberta e frontalmente as insuficiéncias do nosso trabalho, de melhorar o nosso trabalho e fazê-lo avançar, isso significa o quê? Isso significa que os operários se tornam participantes activos no trabalho de direcção do país, da economia, da indústria. E isso não pode deixar de aumentar o sentimento de dono do país nos operários*».²⁵ Isto foi dito por Stáline em 1928.

Tem desenvolvido a ideia da ocupaçao da URSS, dos imitadores políticos e da guerra psicoinformativa. O deputado Evguéni Fiódorov diz a mesma coisa, substituindo apenas a URSS por Rússia. Isto é uma coincidência?

Não é coincidência nenhuma, mas um método há muito desenvolvido de agressão psicoinformativa: interceptar ideias do lado adversário, para as quais a sociedade já amadureceu no essencial. É nesse momento que surge (é lançado na arena política) o interceptador ou imitador, chame-lhe como quiser. Nós, a Plataforma Bolchevique e depois o Congresso dos Cidadãos da URSS, falamos da guerra e da ocupaçao, da ocu-

²⁴ O termo inglês «*brainstorming*» designa o método de resoluçao de problemas em grupo, desenvolvido no final dos anos 30 pelo publicitário norte-americano, Alex Osborn. Trata-se de uma técnica que supostamente estimula a actividade cerebral e a criatividade. Como não existe propriamente um equivalente em português (talvez o mais apropriado fosse «*assalto cerebral*», assim é pelo menos na língua russa), optámos pelo termo inglês, que aliás está registado nos nossos dicionários. (N. Ed.)

²⁵ «*Sobre os trabalhos do Plenário Conjunto do CC e do CCC: discurso na assembleia da organizaçao de Moscovo do PC da URSS (b), 13 de Abril de 1928*», I.V. Stáline, *Obras* (em russo), Moscovo, 1949, t. 11, p. 37. (N. Ed.)

pação temporária do país, etc., desde 1993. Desde então, todos os anos têm sido divulgados documentos, às dezenas seguramente, nos quais, de diferentes maneiras, se explica, desenvolve e propaga este assunto. Falei dele em as tribunas a que me foi possível aceder (por exemplo na rádio *Rezonanse*), foi publicado em jornais (por exemplo, no jornal *Za SSSR*, o qual durante muitos anos foi distribuído na Duma do Estado), está disponível na Internet. Deste modo, havia todas as possibilidades de aceder à nossa análise. Outra questão é não desejarem assinalá-la. Até que chegou a hora de entrar na arena mais uma «*Nina Andréieva*», cujo papel é desempenhado neste caso por Fiódorov.²⁶ Posso mostrar a Fiódorov uma das minhas intervenções de 1996, na qual as «*coincidências*» com as coisas que ele hoje escreve são simplesmente textuais.

Em que consiste a imitação? A imitação, a substituição da noção, consiste em se falar da ocupação da Federação Russa em vez da ocupação da URSS. Aqui está a armadilha da imitação. Trata-se exactamente de uma armadilha e não qualquer ponto de vista diferente de Fiódorov. Ninguém ocupou a Federação Russa de Éltine-Pútine, mas é ela própria que constitui um mecanismo especialmente construído de ocupação pelo capital transnacional, de desmembramento e pilhagem da URSS e da RSFSR, da sua transformação em pátios das traseiras coloniais do «*mundo civilizado*», como estipulava a memorável directiva do *NSC 20/1*. A Federação Russa não pode ser libertada senão do próprio regime, que é incarnado pelo próprio Pútine. Mas, graças aos esforços de imitadores como Fiódorov ou Kurguinian,²⁷ Pútine tem uma auréola de «*líder da luta de libertação nacional*». Tudo isto apesar de nem um nem outro interceptor serem capazes de nomear um só «*agente de influência*» ou explicar concretamente em que consiste a ocupação e a «*luta de libertação nacional*» de que falam.

Que conselhos daria aos jovens que hoje procuram um rumo na vida e se opõem ao poder actual?

Sabe, a face político-moral e a mentalidade da juventude actual, na sua grande massa, não podem deixar de nos surpreender. Veja, por toda a parte no mundo a juventude está sempre nas primeiras fileiras da resistência à contra-revolução e à reacção; no nosso país, são os idosos, os reformados.

E há uma estranha incapacidade de se defenderem da imitação em qualquer boa causa. Mesmo no Donbass, para onde se dirigiram muitos jovens, eram os imitadores quem comandava. Esses tais Strelkov²⁸ e Borodai.²⁹

²⁶ Evguéni Alekséievitch Fiódorov (1963), deputado do partido Rússia Unida, de Vladímir Pútine, membro do seu Conselho Político Central, coordenador do chamado «*Movimento de Libertação Nacional da Rússia*», que se propõe congregar todas as organizações sociais e políticas de orientação patriótica e recuperar a soberania perdida com a dissolução da URSS em 1991. (N. Ed.)

²⁷ Serguei Ervándovitch Kurguinian (1949), político russo, encenador de teatro, politólogo e líder do movimento «*A Essência do Tempo*». (N. Ed.)

²⁸ Ígor Ivánovitch Strelkov, verdadeiro nome Ígor Bssévolodovitch Guírkine, (1970), reformado do exército russo, comandou entre 12 de Maio e 14 de Agosto de 2014 as Forças Armadas da República Popular de Donetsk, ocupando neste período o posto de Ministro da Defesa. Depois da sua exoneração, abandonou o território do Donbass. (N. Ed.)

²⁹ Aleksándr Irévitch Borodai (1972) empresário russo, jornalista e publicista, ocupou o cargo de presidente do Conselho de Ministros da República Popular Donetsk entre 16 de Maio

Segundo notícias vindas do Donbass, mal esta dupla chegou os militantes de esquerda começaram a ser excluídos sem qualquer fundamento do corpo de deputados, os símbolos soviéticos foram substituídos, iniciou-se uma propaganda retrógrada, monárquico-clerical.

Agora foram afastados.

Pelos vistos tornou-se claro para alguém que com este tipo de atitude seria difícil de completar as fileiras do exército de voluntários. Pois se até declararam abertamente que precisavam de russos, não de «*sovki*s». Ao mesmo tempo reconheceram que a principal força do exército de voluntários era constituída por pessoas que tinham recebido formação militar e experiência de combate na URSS (no Afeganistão), ou seja, eram precisamente «*sovki*s». Eu própria sou profundamente russa, os meus pais são oriundos das *gubérnias* de Riazan e de Vladímir,³⁰ mas não reconheço este tipo de nacionalismo. Na URSS isso foi superado, tornámo-nos num único povo soviético. O Congresso dos Cidadãos da URSS considera o grande povo russo como o núcleo étnico do povo soviético, mas rejeitamos o chauvinismo, mesmo que seja na variante «*russa*».

Mas que conselhos daria aos jovens?

Conselhos... Que leiam os materiais do Congresso de Cidadãos da URSS e da Plataforma Bolchevique. Ficarão a saber como se comportam os soviéticos honestos e os verdadeiros comunistas numa situação de vida extremamente complicada. Que leiam e estudem. A situação no país é complexa, a estabilidade é ilusória; tudo pode alterar-se radicalmente em qualquer momento.

e 7 de Agosto de 2014, e de conselheiro e vice-presidente daquele órgão entre 8 de Agosto e 20 de Outubro do mesmo ano. (N. Ed.)

³⁰ As *gubérnias* (antigas divisões administrativas, hoje designadas *oblast*) de Riazan e de Vladímir fazem fronteira com o *oblast* de Moscovo. (N. Ed.)